

AUDITÓRIO NACIONAL RECEBE BAZAR DE INSTRUMENTOS MUSICAIS

10 DE OUTUBRO DE 2008



Kriolidadi

CULTURA E VARIEDADES

A SEMANA



*Susana
Lubrano
dedica novo
álbum aos
PALOP*



NO INTERIOR DA UNITA

Pintura



Tchalê leva “Cores cantando” Basel

Tchalê Figueira leva as suas pinturas a Basileia (Basel). A abertura na cidade Suíça desta exposição, intitulada “Cores cantando”, é no dia 22 deste mês e prolonga-se até 22 de Novembro.

É mais uma exposição de Tchalê Figueira na Suíça, país onde frequentou a Escola de Belas-Artes. Os quadros de “Cores Cantando” também utilizam o desenho como complemento gráfico. A figura humana é bem característica. Mas não são retratos. Ao

contrário, são figuras disformes que fazem lembrar uma armadura. “É o homem condicionado, pelas leis, pela política, pela religião, pela moral. Um homem quase máquina, robotizado, que pouco pensa mas obedece”, escreve o site do Instituto Camões, sobre o trabalho do artista mindelense.

A obra de Tchalê, uma referência da cultura em Cabo Verde, assume contornos de intervenção social, com incursões na fantasia, no mundo da infância deste homem que se fez pintor, ou será

o pintor que se fez homem, na rua da Praia, no Mindelo de várias cores, disabores muitos e fantasias mil. A mensagem reivindicativa do artista assume dimensões universais, na medida em que esta particular realidade humana, espelha a que se pode encontrar nos quatro cantos do mundo.

A meio desta exposição, no dia 5 de Novembro, o espaço recebe a um de Cabo Verde, concerto musical por artistas nacionais residentes na Suíça. CP

EUA apoiam montagem do Museu de Arqueologia, na Praia

No quadro do projecto que cria o Museu de Arqueologia, na Praia, a embaixadora dos EUA em Cabo Verde, Marianne Myles, entregou um montante de 37.500 dólares, aproximadamente 2.800 contos, ao Instituto da Investigação e do Património Culturais.

Isso somado aos 22.000 dólares recebidos nos finais de 2006, perfaz agora um total de 59.500 dólares, que está sendo utilizado em três vertentes do Museu. Um é o redimensionamento e a modernização do espaço do ex-Núcleo Museológico que vai ser transformado em Museu de Arqueologia. Outro é a aposta numa melhor exibição das peças arqueológicas. Uma terceira vertente museológica é a da reserva técnica, que também está a passar por uma reestruturação.

No Museu de Arqueologia, as peças expostas pertencem sobretudo à nossa arqueologia subaquática e terrestre.

CNA reabre como “Museu vivo”

O Centro Nacional de Artesanato reabre as suas portas agora em Outubro depois de mais de uma década de ausência. O CNA volta recuperado, como um museu cultural vivo e dinâmico. O primeiro do género em Cabo Verde, apostam os especialistas. Entre outras novidades, o CNA terá uma exposição que recria o historial do edifício em diferentes períodos, desde o Grémio, rádios Barlavento e Voz de S. Vicente, ao antigo Centro Nacional de Artesanato.

O presidente do Instituto de Investigação e Promoção Cultural (IIPC) regozija-se com o resultado dos trabalhos de recuperação do CNA, que vai ser devolvido aos mindelenses dois anos e meio depois do arranque dos trabalhos. “Todo o trabalho de restauro e reabilitação foi feito por empresas de São Vicente. Por exemplo, temos um trabalho de ornamentação feito por Ti Nené e um outro pelo artista Tito Olívio, excelentes”, rejubila Carlos Carvalho.

Esse trabalho, diz Carvalho, custou cerca de 15 mil contos. E agora a qualidade da recuperação vai associar-

se aos desígnios do CNA, para refazer a sua história. E o CNA já dispõe dos objectos base do museu, que são essencialmente artesanato. Mesmo assim, o centro lançou um aviso via rádio na expectativa de recolher, por empréstimo, peças extraordinárias que possam estar na posse de algumas pessoas. “Estamos a pensar o museu como um espaço aberto e dinâmico com música de fundo e também que permite aos visitantes ouvir ou relembrar os programas de rádio dos anos 60 e 70. Este será um espaço pedagógico”.

Os espaços restantes do CNA vão receber um atelier onde as pessoas podem acompanhar a produção de “panu di terra”, tapeçarias e de outras peças da arte popular cabo-verdiana. No anexo, que funcionará como reserva de museu, será feito o tratamento das peças. O pátio vai ser aproveitado para actividades ligadas à agenda cultural do Mindelo enquanto a sala lateral vai a concurso para albergar um espaço multimédia e cultural.

Constância de Pina



Casa de Baltasar Lopes da Silva, em Lajedos, vai virar museu

Está a tornar-se realidade o projecto do Ministério da Cultura que quer transformar a casa de Baltasar Lopes da Silva, em Lajedos, ilha de Santo Antão, num museu. Quem o garante é a viúva do malogrado, Teresa Lopes da Silva, que confirmou o desejo do Ministério da Cultura de que o projecto avance.

No entanto, questões burocráticas, relacionadas com a cedência do espaço pelos

herdeiros, têm impedido a concretização desse sonho dos preservadores da memória colectiva. “Há vontade da minha parte e da parte do meu filho. Falta, sim, obter a procuração de alguns dos seis netos que não se encontram no país”, explica Teresa Lopes da Silva.

“Seria uma ótima forma de preservar a casa e o terreno circundante que estão completamente abandonados. Infelizmente, por

causa do difícil acesso, há dois anos que não ponho lá os pés. Também pedi, há muito tempo, a ligação da luz eléctrica, mas até hoje nunca obtive resposta”, acrescenta.

A ideia, que foi proposta ao Ministério da Cultura há precisamente um ano, é transformar a casa de Lajedos, concelho do Porto Novo onde Baltasar Lopes da Silva costumava passar as férias e escrever os seus romances, num museu.



Boa Vista

Alfândega Velha será Casa da Cultura

A Alfândega Velha, em Sal-Rei, vai-se transformar na Casa da Cultura da Boa Vista. O Ministério da Cultura responde em simultâneo não só aos insistentes pedidos de artistas da ilha, que muito queriam ter um espaço de expressão cultural, bem como à necessidade de dignificar um edifício que em tempos muito serviu a ilha das dunas. A Casa da Cultura deve entrar em funcionamento no início de 2009, garantiu ao **Kriolidade** o ministro Manuel Veiga.

As obras de recuperação do edifício situado próximo do Porto da Boa Vista já estão em andamento há quase dois meses. A parte interna está praticamente restaurada, faltando apenas terminar o reboque e a pintura. Do lado de fora, a calçada está a receber pedras especiais para ornamentar a entrada desta que é a primeira Casa da Cultura na Boa Vista. “O edifício já devia estar com cobertura, mas a madeira que foi enviada estava verde e foi preciso esperar que secasse primeiro para a utilizar nesta obra de restauro”, explicou Veiga.

Se tudo correr bem, assegura o governante, a Casa da Cultura da Boa Vista abre as portas no início do ano que vem. A partir daí, artistas de todas as áreas vão contar com um local próprio para expressar a sua arte e expor os seus trabalhos. O edifício, que há muitos anos estava fechado, será um monumento à preservação da memória histórica e um meio por excelência de difusão da cultura boavistense e de todo o Cabo Verde.

Ao mesmo tempo, salientou Manuel Veiga, a Casa da Cultura vai servir de centro de formação cultural, onde crianças e jovens poderão ter aulas de música, artes plásticas, grafismo e desenho, artesanato, e muito mais. A ideia de acoplar estas valências ao centro surgiu, como fez questão de lembrar Veiga, durante um encontro que teve com os artistas locais, aquando da sua visita à ilha das dunas para participar na 7ª Edição do Festival das Mornas.

Manuel Veiga enalteceu o grande valor patrimonial da Boa Vista, mostrou a capela

de Nossa Senhora de Fátima e o Forte do Djeu como um dos patrimónios que devem ser preservados. A morna é outro património cultural que deve merecer a maior ternura de todo o filho destas ilhas. A ternura dos seus meios tons. “A morna, rainha da nossa cultura, é a bandeira da ilha da Boa Vista. É um ritmo que se nacionalizou e internacionalizou. É por aí que se deve começar a divulgar a cultura boavistense”, recomenda o homem que comanda os destinos da cultura deste país.

Manuel Veiga apelou também a uma maior valorização e conservação das tradições locais, para que o produto turístico-cultural da ilha das dunas seja vendável e não alterado. Para aquele governante, é preciso tomar alguns cuidados e não deixar que o turismo cubra os aspectos fundamentais da nossa cultura. Boa Vista, considera “está numa fase cultural interessante, mas é necessário que esta oportunidade única seja muito bem agarrada”.

SF

Susana Lubrano dedica novo álbum aos PALOP

A cantora Susana Lubrano prepara um novo disco, mas desta vez voltado para os PALOP. Um trabalho ainda sem título, mas que traz estilos diferentes e inspirados nesses cinco países que muito têm em comum. Lubrano, que já está nos estúdios a gravar a sua nova menina dos olhos, prevê que o seu lançamento aconteça já no próximo mês de Janeiro.

Este CD que conta com participações especiais assenta num só e único desejo, diz Susana: “Alcançar a expectativa dos seus fãs, uma vez, que este álbum é especialmente virado para Cabo Verde e os outros países africanos de língua portuguesa”.

Susana, que há menos de um ano lançou no mercado o álbum “Saída”, agora aposta num CD mais comercial,

contrariando este último que traz um ritmo mais próximo da balada internacional.

Mas nada de desmerecer o álbum, pois a cantora que já ganhou o título artista feminina de África e acha que “Saída” cumpriu o seu papel, que “foi a conquista de um espaço diferente, ainda pouco explorado em Cabo Verde”.

GC



Auditório Nacional recebe bazar de instrumentos musicais

O Auditório Nacional Jorge Barbosa recebe agora em Outubro um inédito Bazar de Instrumentos e Equipamentos Musicais (BIEM). A ideia, diz João Miranda, gestor desse emblemático espaço da capital, é fomentar o surgimento de um mercado de venda e troca de instrumentos e equipamentos musicais na ilha de Santiago.

O bazar será sustentado com instrumentos e equipamentos musicais, que as pessoas têm em casa ou nas suas empresas e que não são por elas utilizados, mas que a outros deixam muita falta. O bazar pode ser ainda um espaço de encontro e troca de experiências, sobretudo entre os amantes da música. “Este projecto do bazar associa-se ao

propósito de transformar o Auditório Nacional no maior pólo de Cultura de Cabo Verde. E mais: contribui para colmatar a falta de locais de lazer e de oferta cultural e artística na cidade da Praia”, defende João Miranda ao **Kriolidade**.

Esta actividade integra a programação do Dia Nacional da Cultura, que se assinala a 18 de Outubro. E é sob o simbolismo dessa data, num país onde a música é rainha, que a organização do bazar pretende envolver todos os músicos da Praia, mas também a Escola Pentagrama e a Associação Cultural Petoral nesta grande festa que deve ser de todos.

CP



LIVRO

No interior da Unita

Partiu de Amílcar Cabral, Aristides Pereira e Pedro Pires a sugestão para Jonas Savimbi criar a Unita. A revelação é de Samuel Chiwale, general do galo negro, na sua autobiografia “Cruzei-me com a história” que acaba de ser publicada em Lisboa.

Terminada a guerra, Angola volta, pouco a pouco, à normalidade. E nesta caminhada alguns dos protagonistas da tragédia angolana começam a encontrar tempo e serenidade para “contar” esse passado regado com sangue, incompreensões e intolerâncias. Um desses exercícios é o livro “Cruzei-me com a História”, de Samuel Chiwale (Sextante Editora, Lisboa, 2008), na linha, aliás, de “Memórias de um guerrilheiro”, de Alcides Sakala. Chiwale e Sakala, para quem não sabe, são duas destacadas figuras da Unita. Mas é de Chiwale que importa aqui falar.

Samuel Chiwale faz parte do núcleo fundador da Unita, companheiro por isso de primeira hora de Jonas Savimbi. No seu percurso Chiwale esteve na Namíbia, Zâmbia, Tanzânia (aqui privou com Machel, Chissano e outros dirigentes da Frelimo), China e Egipto, acompanhando muitas vezes o líder da Unita como um dos seus homens de confiança. Chiwale foi, sobretudo, um comandante militar, que actuou no Leste de Angola tanto antes como depois da independência, em 1975. Chegou a ser chefe do Estado-Maior das Fala (FA da Unita), até cair em desgraça: acusado de conspirar contra Savimbi, por pouco não conheceu o mesmo destino de Tito Chingunji, Wilson dos Santos e outros dirigentes passados pelas armas.

Só que, além de ter sobrevivido mantendo-se na Unita (ao contrário de fundadores como Miguel N’Zau Puna e Tony da Costa Fernandes), Chiwale continua a nutrir uma admiração desmedida por Savimbi, a quem considera sua “alma gémea”. Mesmo os actos mais insanos do líder da Unita, como mandar queimar mulheres (acusadas de bruxaria), são apresentados como resultado de intrigas que passam, a dada altura, a reinar no seio do movimento do galo negro.

Além das suas (des)venturas, Chiwale revela a dado passo algo que nos diz respeito a nós cabo-verdianos, e que tem a ver – pasme-se – com a origem da Unita. Recorda ele que depois de ter estado no MPLA e na UPA, Savimbi procura apoio para a sua causa, nomeadamente, em países como a URSS, Hungria e RDA e que estes lhe responderam que se devia unir ao MPLA, podendo inclusive influenciar no sentido de o nomearem vice-presidente. “Houve, no entanto, outras vozes contrárias ao posicionamento desses países: uma delas foi a do grande político e engenheiro agrónomo Amílcar Cabral; outra de Aristides Pereira. Estes, juntamente com o comandante Pedro Pires, eram amigos pessoais do Dr. Savimbi. Eles não se coibiram de dizer-lhe que, perante o clima vivido no seio da UPA, seria preferível criar algo diferente” (p. 59). E esse “algo diferente” é, claro, a Unita, que vem a ser criada em Muangai, Moxico, a 13 de Março de 1966.

Sendo um dos homens que mais privou com Savimbi, Chiwale surge aqui como um alter-ego do líder da Unita, explicando as razões que levam esse controverso dirigente a relacionar-se com os madeireiros portugueses em plena guerra anticolonial, a unir-se depois da independência à África do Sul e aos EUA, para acabar no fim só, encurralado e abatido em Fevereiro de 2002, depois de recusar os resultados eleitorais de 1992. “Jonas Savimbi, que a terra lhe seja leve”, escreve Chiwale, “por mais que se procure descaracterizá-lo, por mais que se faça tudo para o ignorar, a verdade é só uma: teve um ideal – nobre, por sinal – lutou por ele, deu a vida por ele e foi, por isso, um herói, pois os heróis são assim”.

“Cruzei-me com a história” é de leitura agradável. O seu autor apresenta-se num tom de quem está bem consigo próprio, isto é, um angolano que um dia se cruzou com a História integrando um dos movimentos de libertação mais aguerridos de África, a Unita, e que nunca foi compreendido dadas as alianças que foi estabelecendo no seu percurso. Chiwale mostra também como a Unita, qual Fénix, conseguiu sobreviver aos inúmeros cercos em que se viu envolvida, acabando, nas eleições legislativas de 5 de Setembro passado, reduzida a não mais que 10 por cento dos votos. Eis, seguramente, um outro facto que Savimbi dificilmente aceitaria.

JVL



FILME

Sinopse

Donna (Meryl Streep) é proprietária de um pequeno hotel e mãe solteira da espirituosa Sophie (Amanda Seyfried), que vai casar. Donna precisa superar o facto de que irá ficar sozinha e convida as suas duas melhores amigas, do tempo que era vocalista de uma banda chamada Donna and the Dynamos, para o casamento da filha. Por seu lado, procurando conhecer a verdadeira identidade do pai, Sophie convida secretamente três homens especiais.

Mamma Mia! é um filme de sucesso: tem liderado as bilheteiras desde a sua estreia e promete destronar O Panda do Kung Fu, enquanto filme mais visto de 2008.

Só em Portugal Mamma Mia registou já uma receita bruta acima de 2 milhões de euros e mais de 500 mil espectadores. Valores que se prevê irá ultrapassar grandemente, enquanto filme mais visto do ano.

Transporta-se a mesma dinâmica à realidade cabo-verdiana, onde o filme é um dos mais procurados nas videotecas da praça, seguido do Tempestade Tropical (Tropic Thunder), uma Comédia actual sobre um grupo de actores que participam num filme de guerra, sem saber que a mesma é verdadeira. A procura de “Tempestade Tropical” só é ultrapassada por Mamma Mia!.



DISCO

Projecto Verão 2008

Esta selecção tem feito o delírio das noites crioulas, pelas casas dancantes, discotecas e bares deste país. A satisfação também se nota a nível das vendas do CD Projecto Verão 08, que constatamos estar em alta na capital. No mercado desde fins de Julho, o **PROJECTO VERÃO 08**, junta jovens talentos musicais e apresenta um trabalho inédito. Produzido e distribuído por Zé di Sucupira, que neste CD repete a fórmula que iniciou em 2000: todos os anos reunir novas vozes num único disco.

12 temas, 12 intérpretes, de entre eles o veterano Juka, muito conhecido entre nós, e o Nathaniel, uma jovem promessa que se apagou recentemente por morte natural.

Género: kizomba e zouk, o CD já dispõe de meios contra a pirataria. Pode adquiri-lo por 1400 escudos na Praia.



Os Livros Ardem Mal

<http://olamtagv.wordpress.com/>

Embora se assuma como um espaço de "actualidade editorial" é muito mais um endereço para reflexões, onde é possível encontrar pistas e opiniões, não necessariamente sobre os livros e autores do momento. O blog está relacionado com a iniciativa mensal homónima, que tem lugar no Teatro Académico Gil Vicente, em Coimbra.



Bibliobs

<http://bibliobs.nouvelobs.com/>

'Suplemento Literário' da edição on-line de uma das mais conhecidas revistas generalistas francesas. Actualizada diariamente, dispõe de um leque de rubricas e secções, bem como ligações a blogs de referência.



Centro Científico e Cultural de Macau

<http://www.cccm.pt>

As relações interculturais Portugal-China e Europa-Ásia Oriental bem como a história, sociedade, cultura, economia e política de Macau estão na génese deste site. Uma excelente biblioteca digital e o acesso ao mundo da língua chinesa.

O OUTRO LADO DAS ESTRELAS



Grace Évora

Gracindo Évora Matias, o cantor, compositor e baterista Grace Évora que Cabo Verde conhece, é na verdade um engenheiro mecânico. É-o no diploma, embora nunca tenha "*sujado as mãos de graxa*": estudou quatro anos numa universidade onde se formou em Mecânica.

As peculiaridades deste baterista, uma das referências do Grupo Splash, não param por aqui, melhor, começaram no próprio dia em que nasceu. Pois é, Grace chegou ao mundo "*rusgando*" uma festa de casamento. Ele e o seu gémeo que no meio dos comes-e-bebes resolveram que era hora de se juntar à sabura crioula. O parto teve por isso de ser "*improvisado*" no meio da festa. Foi a 2 de Fevereiro de 1969, em Salamanca, São Vicente - o gémeo de Grace acabaria por falecer pouco tempo depois. Mas Grace da Silva está vivinho da Silva a dar-nos música. Pudera, um homem que nasce no meio de uma festa, tem que ter a música no sangue. E também porque estava escrito nas estrelas que Grace seria levado para uma terra que lhe daria a oportunidade de cumprir o destino a que já estava fadado, ser um bom músico. A Holanda acolheu

Grace aos oito anos e agora é cidadão holandês.

Hoje, quando não corre o mundo e os palcos desta vida, vive em Roterdão com a mulher e os dois filhos. Define-se como um homem caseiro, dedicado à vida em família, à sua fortaleza.

Quando não está a actuar Grace evita frequentar ambientes badalados. Prefere antes ficar quieto no sofá da sala a ver um documentário ou divertir-se com os amigos numa boa partida de futebol. Prazeres pacatos dum artista muito mais virado para as coisas de dentro do que para o brilho das aparências. Enfim, filosofias de um homem introspectivo. Uma estrela que prefere brilhar para dentro.

Sentado ao ar livre, no alto de uma montanha, Grace no entanto desabrocha, e revela os bastidores da sua vida. Assim, no seu "*jeito simples de ser*", que a camiseta, o boné e o calção despretensiosos vêm confirmar ao **Kriolidadi**, encontrou o outro lado da estrela: um cidadão humilde, quase tímido, um rapaz bonito, fofão, gostoso e fixe que gosta de levar uma vida "*livre*" e "*sabim*". Mas sempre na lei.

Gilvanete Chantre

Um novo grupo de músicas tradicionais

Sumara



O grupo musical Sumara ausentou-se dos palcos por quase um ano para dar um banho de raízes às suas músicas, que agora voltam com um forte sabor à terra. E o show da próxima sexta-feira, 17, vai dizer que o regresso é de festa. Ao habitual zouk, Sumara adiciona agora ao seu repertório ritmos e sons de Cabo Verde como batuque, finason, coladeira, tabanka e funaná.

A expectativa é grande para os Sumara e os seus fãs. Todos esperam 17 de Outubro para renascer. “*É o dia da nova largada*”, contam eles quase em segredo, para não estragar o milagre. A agenda também começa a compor-se, 15 de Novembro Sumara vai actuar na Ribeira da Barca, interior de Santiago. Outros espectáculos em vários pontos do país estão a ser negociados.

Sumara, que tem Nany como voz principal, adoptou estilos próprios da terra para não só atrair um novo público como também incrementar o menú dos habitués de ritmos importados como zouk, slow e hip-hop. O batuque, finason, coladeira, tabanka e funaná entram assim no repertório do grupo que quer com isso no Auditório Nacional não só dar o seu contributo para elevar a música cabo-verdiana como também conquistar uma nova franja do mercado, o dos amantes da música tradicional.

Uma outra novidade que Sumara traz para os fãs é a aprovação do seu estatuto. E se tudo correr bem, garantiu ao **Kriolidade** um dos fundadores da banda, Albertino Silva, dentro de seis meses o grupo põe no mercado a sua primeira compilação, que “*será um retrato da vivência cabo-verdiana*”.

O “*novo*” Sumara, diz o baterista e compositor, volta com “*feeling*” redobrado e mais maduro. “*Embora seja maioritariamente jovem, sente-se que o grupo adquiriu maturidade. São jovens com vontade de mostrar o que temos em Cabo Verde. Queremos trabalhar e reflectir, através da música, a cultura e a tradição cabo-verdiana*”, afirmou.

Para Albertino Silva, os jovens precisam ter “*essa gana, esse amor, essa vontade de defender a música nacional porque só através dela podemos expressar o sentimento que nos vai fundo na alma. É isso que estamos a fazer. O Sumara está a reflectir e a pensar em coisas sérias*”.

Ao **Kriolidade** Albertino falou também das dificuldades em arranjar um local para ensaios, adquirir aparelhos sonoros, em conseguir apoios e patrocínios. Mas Sumara não se deixa vencer, porque “*quando se tem vontade, força e garra é possível ultrapassar as barreiras*”.

Fundado em 2006 por Albertino Silva, um compositor da gema que se juntou a outros artistas praienses, Sumara primeiro apostou em estilos mais modernos, como zouk e slow, virados para um público jovem. Uma opção, que embora aceite pela malta jovem, encontrou resistências junto dos amantes da música tradicional.

E assim, apesar de lutar para fugir ao lugar comum, e não ser mais um entre tantos outros grupos e artistas de zouk, Sumara patinava. E nem o facto de conseguir aos poucos conquistar públicos de vários cantos do país e além-fronteiras, tirava o gosto a pouco que tomou conta do grupo. Daí a paragem, o regresso às raízes e agora a cara nova que só “*ramedi terra*” pode dar. Para conferir na próxima sexta-feira, 17, no Auditório Nacional, na Praia... Porque o show vai começar e é com Sumara.



TEXTO: CÉSAR SCHOFIELD CARDOSO. IMAGEM: ABRAÃO VICENTE

Terminar, recomeçar. Em muitas Culturas, existe uma época do ano em que o Universo é destruído simbolicamente, para depois recomeçar tudo, purificado, renovado, retemperado. Outubro é sem dúvida um dos meses dos recomeços. Terminou o Ramadão, o período de purificação para os muçulmanos. Terminou o ciclo dos festivais de música, em tempo de repensar o seu modelo. Terminou o Mindelact, que ganhou estatuto de ritual, pela teimosia de continuar, pelo culto do teatro, pela religiosidade dos ensaios, pela fé, pelo sacrifício e pela incerteza. Terminou o ciclo das férias, para os que foram, para os que vieram, para os trabalhadores, para os estudantes, para os governantes, para a justiça, para todos. Terminou a angústia das perguntas, das inquietações, das suposições, das premonições sobre o que terá acontecido ao jornal "A Semana". Outubro é o mês dos recomeços. Passaremos os três últimos meses do ano, a pensar o que será da vida para o próximo ano. O final do ano, em que a maioria se embebedará e terá crises de simpatias, de arrependimentos, de juras, de abraços e beijinhos, marcará definitivamente o enterro de mais um ano, esta mania de fazer fatias ao tempo.

Pois, recomeçamos. O pessoal do Carnaval já deve, se não está, já devia, estar a andar. O Carnaval, em tempo de repensar o seu modelo. Na cidade do Mindelo, hesita, na mesma medida que a ilha hesita. Na cidade da Praia, há o nascimento de um novo Carnaval que, timidamente, incorpora outros elementos e talvez devesse incorporá-los descaradamente. Podemos pensar nisso, neste recomeçar, que também desejamos que reinicie as ideias proféticas e destabilizadoras de Praia.Mov, este movimento de reflectir e fazer a arte nas nossas novíssimas cidades, estranhas, violentas e promissoras. Para o pessoal do Carnaval, Outubro é mês de recomeçar, mas não de pensar. Deviam ter pensado nisso antes. Isto quer dizer que o Carnaval do próximo ano vai continuar sem pensar no seu modelo. Mas para o resto do pessoal, Outubro podia ser o mês do recomeçar a pensar.

Recomeçamos. Reiniciamos o ciclo das angústias, das dúvidas, das inquietações e das premonições sobre o que será de nós para o próximo ano, em tempo de aumentar todos os preços, de investir todo o dinheiro no asfalto, no ferro e no betão e de adiar questões mais qualitativas da

vida. Que será da Lei do Mecenato, mais uma vez, mais um ano? Que será do Património, mais uma vez? Que será desses aproveitadores das minhas contribuições fiscais, mais um ano? Teremos mais um aniversário da cidade com uma exposição de obras virtuais? Que será da cidade? Teremos as ruas repletas de bugigangas coloridas, comércio ilegal de divisas, nas barbas da Reguladora, venda de carne não inspeccionada, restos de peixe, urina, vidro partido e toda a conjugação possível de detritos? Que será da arte e da contemplação? Da reflexão e da construção de ideias novas, reformadoras e eficazes?

Este jornal recomeçou e acendeu o debate. Uns lamentaram o buraco que a sua ausência provoca. Outros vaticinaram a sua morte, a pretender que será substituída pela revolução cibernética que vem acontecendo por aí e que já é vivida por nós que nascemos dentro da revolução da informação, que falamos por chat, que enviámos e-mails por telemóveis, SMS por e-mail, que temos um telefone que também toca música, rádio, grava a conversa, organiza a agenda e ainda faz de despertador. Nós que estamos a empacotar todas as gerações anteriores em minúsculos compartimentos electrónicos e até mesmo os livros. Já existem livros digitais e vão me convencer que posso, da mesma maneira, acordar aos Sábados, ir sentar no mesmo Café que gosto e ler da mesma maneira os jornais e os livros, que gosto de ler aos Sábados de manhã, no ecrã de um dispositivo electrónico! Da mesma forma como não dá para beijar uma mulher pela Internet, não dá para deixar de tocar o papel dos livros e dos jornais, embora custem derrubar algumas árvores. Estamos a empacotar tudo em pequenos impulsos binários, a interligar todos os computadores e telemóveis do mundo, o que cria um espaço novo de circulação da informação e das ideias. Conhecemos gente, sem nunca ouvir as suas vozes, ou ver de viva cor as suas caras. Temos amigos globais, virtuais, que no entanto são as mesmas pessoas que nós, com as mesmas angústias e inquietações, travando as mesmas lutas que nós travamos, que tentam, como também nós tentamos, fazer perceber às gerações anteriores que, talvez, devessem aprender a construir um blog. É uma outra forma de pensar e não a morte das coisas sensuais que a civilização inventou, entre as quais um particularmente sensual: o jornal, feito do papel típico de

jornal, insubstituível aos Sábados de manhã, no Café preferido de quem gosta de um jornal e um café, num Sábado de manhã.

Recomeçamos e sabemos, pela constelação de formas de se informar, seja um blog, um jornal online ou o clássico jornal impresso, que, neste recomeço, as angústias andarão à volta: do exorbitante preço dos combustíveis; da falta de dinheiro para comprar o combustível para os motores que produzem a electricidade; da revolta da Brava; dos assassinatos urbanísticos que acontecem na orla marítima e um pouco por cada canto das ilhas; do turismo em regime de tudo incluído, que não deixa nada onde ocorre; da inflação e da taxa de desemprego que contrariam o desejo de tê-los em baixa; da não explicação convincente de como os investimentos turístico-imobiliários vão contribuir para o desenvolvimento; dos políticos que nos baralham e se baralham; do adiamento, mais uma vez, mais um ano, das questões qualitativas, da arte e da Cultura.

Neste recomeço, umas premonições para o ano que vêm: o Carnaval continuará a acontecer no mesmo modelo indeciso; Kolá Sanjon, Tabanka continuarão a não merecer a atenção de antropólogos e sociólogos, quanto mais de músicos e escritores; que o património arquitectónico, com valor histórico e cultural continuará a ser comido pelas traças; que não haverá cinema, nem de ver, nem de fazer; que a literatura continuará a divagar em águas imprecisas; que as artes plásticas continuarão a ser consideradas doença mental; que o teatro em S.Vicente vai voltar a acontecer, como acontecem os milagres; que o pessoal de Raiz di Polon terão ainda mais um ano de agruras; que a música continuará a jorrar da rocha, porque este sim, existe independentemente de qualquer ministro real ou virtual. Talvez a Cultura devesse se digitalizar. O Ministério já é virtual, o que é um avanço. Nesta conversa de jornais que deixam falta quando tiram férias, blogs e blogocratas, expressão curiosa que apareceu dentro da própria blogosféra, coisas virtuais que se confundem com coisas reais, economia virtual e economia real, fotografia digital e baixa de preço da Internet e dos computadores, talvez devêssemos digitalizar a questão, democratizar o ensino da tecnologia, facilitar o acesso aos equipamentos electrónicos e repensar que nó que somos na monstruosa rede mundial.

Exposição

Exposição colectiva de artistas plásticos, teatro, música e poesia vão marcar as festividades do Dia Nacional da Cultura, 18 de Outubro, em São Vicente. O palco das actividades do Dia Nacional da Cultura, que este ano se celebra sob o signo da música, é o CCM.

Nôs música na Mundo

Gilyto está em Espanha onde vai actuar amanhã, 11, em Saragoça. O músico cumpre, assim, a sua Tournée pela Europa, com actuações em várias cidades espanholas.

Gil Semedo rumo a África. Aqui Moçambique é a primeira paragem: amanhã, 11, Gil vai actuar no “Coconuts”, Maputo. E depois de inaugurar a estação em terras moçambicanas, o show continua. Será decerto o delírio para os fãs que Gil coleciona em terras do Índico que são aos milhares e onde até tem um clube de fãs. Para eles há bis no próximo dia 17, no bairro do Pemba, onde o “nôs líder” vai dar um mega-concerto ao ar livre.

Sara Tavares prepara-se para gravar o seu próximo CD em 2009. Enquanto isso, a cantora continua a percorrer os palcos do mundo apresentando o seu “Balancê”. O disco, que é ouro em Portugal, tem recebido elogios, sobretudo da crítica especializada e, em 2006, valeu à artista uma nomeação para os prémios BBC Rádio 3 World Music.



Lura anda pelas estradas da América com o seu mais recente álbum “M’bem di fora”. A agenda está repleta de shows e concertos que começaram no dia 3 e vão até ao próximo dia 26, de uma ponta à outra dos EUA.

Os artistas cabo-verdianos Eça Monteiro e Teófilo Chantre actuam hoje e amanhã, no restaurante Mam’Bia em Paris, França.

Lançamento

A colectânea de contos “Elas contam”, de Ondina Ferreira, é apresentada esta sexta-feira, no



Está patente no Pátio do Centro Cultural Francês a exposição de pintura “10 Ton, 2 Lado” de Dudu, o jovem que nos seus primeiros passos no mundo das artes não pára de surpreender. Trabalha este artista numa vasta panóplia de estilos, ora misturando, ora empreendendo arriscados caminhos a solo. A mostra abriu no início desta semana, a 6 de Outubro, e espera a visita do público da Praia.

Centro Cultural do Mindelo. O livro contém 25 contos escritos por 12 mulheres cabo-verdianas - o primeiro é de Maria Adelaide das Neves e foi escrito no século XIX, 1889 -, seleccionados e organizados por Ondina Ferreira.

O escritor Nicolas Quint vai estar a partir das 19h15 desta sexta-feira 10, para apresentar ao público da Praia as suas duas últimas obras sobre o crioulo. Quint vai também aproveitar o encontro para lançar esses livros que vêm juntar-se à sua já variada produção sobre a língua cabo-verdiana.

Espectáculos

“Artistas em Solidariedade” reúne Djoya, Janice, Vlú, Ilo, Diva, Bius e Constantino, acompanhados de Baú, Voginha, Tchenta, Djassa, Jimi, Djudjim e Swagato este sábado, 11, no Bar Lobby do Hotel Porto Grande.

Amanhã, 11, um espectáculo de contos vai animar a aldeia artística de Porto Madeira, interior de Santiago, a partir das 17 horas.

Cinema

“Estorvo” é o filme baseado na obra literária de Chico Buarque que o Centro de Estudos Brasileiros apresenta hoje, 10, na cidade da Praia. Esta co-produção cinematográfica Cuba/Portugal/Brasil, escrita e dirigida por Ruy Guerra, tem sessão marcada para as 19 horas.

“Zaina, Cavalière de l’Atlas” do realizador marroquino Bourlem Guerdjou, é o filme que pode ver na próxima quinta-feira 16, às 18:30 minutos, no Centro Cultural Francês – Praia.

